

BREVE ANÁLISE DO CAPÍTULO II “OS CONTEÚDOS DO ENSINO” DA OBRA “O VALOR DE EDUCAR” DE FERNANDO SAVATER (2000).

Renan Augusto Moura Cardoso ¹

Amanda da Silva Barata ²

Joaquina Ianca Miranda ³

Bianca Marinho de Souza ⁴

RESUMO

Este texto faz uma breve análise da unidade delimitada "Os Conteúdos do Ensino" da obra "O valor de Educar" de Fernando Savater. Para refletirmos sobre os assuntos abordados, buscamos alguns autores bases que assemelham nossas reflexões sobre a obra de Savater, entre estes Brandão (1996); Bourdieu (1999); Freire (2001); Trilla (2008); Young (2007); Saviani (2013, 2015); Foucault (2014); Gallo (2000); Nóvoa (2011); Charlot (2009); e, Dayrell (1996). Observou-se que, de acordo com o autor, o contato com o outro é essencial para a aprendizagem, possibilitando assim, que o ensino se torne algo cronológico. Neste sentido, o homem passa a ser professor em algum momento de sua vida, Savater relata que qualquer um pode ensinar/aprender independentemente do local em que se encontra. Além disso, abordou-se o papel da escola na formação do sujeito, inclusive, mostrando a importância dos conteúdos a serem ensinados, visando o despertar da criticidade do indivíduo o que possibilita sua emancipação.

Palavras-chave: Aprendizagem. Instrução. Fundamentos da Educação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como base o capítulo II da obra "O valor de educar" de Fernando Savater, este autor é um filósofo e escritor Espanhol, que se dedica essencialmente à reflexão sobre a política. Nascido em 21 de junho de 1979, na cidade de San Sebastián, Espanha, formou-se em filosofia na Universidade do País Basco, e obteve grande reconhecimento por tratar de temas relacionados à política e à ética. Iniciou a sua docência na Universidade de Madri, de onde foi afastado em 1971 pelo regime franquista, e atualmente, é docente da Universidade de Madri. Para expressar a Filosofia, tem se valido especialmente da forma do ensaio, buscando uma escrita

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA, renan.augusto_93@hotmail.com;

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA, mandy13academico@gmail.com;

³ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA, joaquinaianca@gmail.com;

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA, bmarinho2015@gmail.com.

especializada, a qual possa ser lida por um público mais amplo, mas, foi cada vez mais se aproximando da literatura, vindo a escrever também novelas e obras para teatro, bem como textos para jornal.

A obra da qual foi retirada a unidade delimitada deste trabalho, faz uma breve reflexão de como nos tornamos humanos por via da educação. Assim, os questionamentos feitos nessa obra, buscam responder às seguintes questões: Afinal, de quem é a responsabilidade de educar? A educação é para a construção de um sujeito autônomo? O que seria esse educar?

Para apresentar e explanar sobre essas ideias, Savater (2000) divide o livro em seis partes, sendo as mesmas: “O aprendiz humano”, “Os conteúdos de ensino”, “O eclipse da família”, “A disciplina da liberdade”, “Uma humanidade sem humanidades” e “Educar é universalizar”. Neste trabalho, trataremos da segunda parte do livro, cujo capítulo é denominado “Os conteúdos do ensino”. Neste capítulo, o autor aborda questões relacionadas ao aprendizado, o qual se dá através da comunicação do contato com o outro. O ensino torna-se então, algo cronológico imprimado nos diferentes perfis culturais existentes, desse modo o homem se torna professor em algum momento da vida.

De acordo com Savater (2000), qualquer um pode ensinar/aprender com o outro e o mútuo aprendizado não necessariamente necessita de espaços institucionalizados. O autor se detém ao debate sobre a instrução, destacando que não se pode educar sem instruir, e que, esse processo deve ocorrer agregando valores morais e cívicos ao indivíduo, forjando nele um senso mais crítico, logo, os conteúdos ensinados devem sempre visar a criticidade e emancipação do indivíduo.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho não busca apenas realizar uma simples síntese de conteúdo, mas ir um pouco além e relacionar as teses e argumentos do autor com a de outros pensadores da área da educação. Para tanto, desempenhou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico em acervos eletrônicos de conteúdos científicos, em que se localizou e selecionou como autores complementares ao texto base: Brandão (1996); Bourdieu (1999); Freire (2001); Trilla (2008); Young (2007); Saviani (2013, 2015); Foucault (2014); Gallo (2000); Nóvoa (2011); Charlot (2009); e, Dayrell (1996).

Assim, este trabalho nasce de uma análise textual, temática e interpretativa sobre a unidade delimitada já mencionada. De acordo com Severino (1996), a análise textual e temática são etapas iniciais para a leitura, análise e interpretação de textos teóricos, sendo que a aplicação correta dessas diretrizes possibilita a preparação para a leitura e a compreensão do texto, respectivamente, trata-se então, de entender quem é o autor e quais são os pontos principais da unidade a ser analisada (Severino, 1996). De acordo com Severino (1996), essa análise é denominada Interpretativa, pois trata-se de situar o pensamento da unidade em esfera mais ampla, verificando como a mensagem relaciona-se com a posição de outros teóricos e possibilitando o encontro de pressupostos, isto é, de ideias nem sempre claras no texto que justificam a posição do autor além de viabilizar a comparação das ideias do autor com a de ideias afins.

BREVE ANÁLISE DO CAPÍTULO II “OS CONTEÚDOS DO ENSINO”

Savater (2000) inicia a unidade delimitada definindo o que seria o “aprendizado”. Afirmar que, se trata “[...] da comunicação e transmissão deliberada com os semelhantes de pautas, técnicas, valores e recordações” (SAVATER, 2000, p. 45) para se chegar a adquirir aquilo que se compreende por humanidade. Essa premissa é um argumento característico do pensamento do autor, que pontua a educação como o cultivo da humanidade, como o processo que desperta e produz a maior quantidade de liberdade humana, pois, segundo o mesmo, ninguém nasce humano sozinho, nós nos damos humanidade uns aos outros e recebemos uns dos outros (SAVATER, 2005, p. 26). Esta ideia é presente, também, no pensamento de Dayrell (1996, p. 141), o qual afirma que, “[...] nenhum indivíduo nasce homem, mas constitui-se e se produz como tal, dentro do projeto de humanidade do seu grupo social, num processo contínuo de passagem da natureza para a cultura, ou seja, cada indivíduo, ao nascer, vai sendo construído e vai-se construindo enquanto ser humano”.

Além disso, o pensador destaca que talvez não seja inevitável contrapor a genética ao aprendizado social e corrobora com o pensamento de Eibl-Eibesfeldt de que se estabeleceria uma complementaridade intrínseca entre herança biológica e herança cultural - podemos aqui destacar autores como Piaget que defendem esta linha de pensamento, em que o desenvolvimento biológico pauta o avanço educativo, mas que pode ser afetado pela ausência de estímulos à criança.

Pontua duas características da educação, como intrínseca à ação humana e como produto histórico. Como seres sociais, fazemos intercâmbio significativo com outros parentes simbólicos que confirmam e possibilitam nossa condição humana, em outras linhas de pensamento, estamos condenados ao ato de educar, “ninguém escapa da educação” (BRANDÃO, 1996, p.4), pois a educação está intrínseca em nossas ações, está em todos os lugares, estamos envoltos pelo ato de aprender e ensinar, circundados pelos mais variados tipos de educação (BRANDÃO, 1996). Logo, não somos os iniciadores de nossa linhagem humana, existe uma marca humana já vigente da qual vamos fazer parte e nos formar, ou mesmo - nas palavras de outro autor, mas ainda na mesma linha de pensamento, há um capital cultural construído pela humanidade que é adquirido sobre variadas formas (BOURDIEU, 1999).

Ademais, Savater (2000) destaca que, no meio social, as capacidades e aptidões biológicas dos indivíduos serão consumadas como humanidade efetiva por meio da educação, mas que, assim como eles não nasceram com o aprendizado humano, cabe aos mesmos tanto levar em conta para manter, como para renovar as ordens deste aprendizado. As características da educação, anteriormente mencionadas, despertam no ser humano a relação entre sociedade e tempo e o fazem reconhecer que o ensino está intrinsecamente ligado ao tempo e uma memória coletivamente elaborada.

Outros autores corroboram com essas ideias. Brandão (1996) destaca que,

[...] a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto [...] para se crer na educação é preciso primeiro dessacralizá-la. É preciso acreditar que, antes, determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que, depois, ela recrie determinados tipos de homens (p. 45).

Um raciocínio também marcante no pensamento freiriano, que reconhece o ser humano como um ser histórico, que faz história, isto é, assume-se como objeto, porque condicionado, mas arrisca-se como sujeito, porque não determinado (FREIRE, 2001). O que cabe destacar, é que essa concepção situa o tempo histórico não como determinação, mas como uma possibilidade (FREIRE, 2001), e coloca a educação como uma prática social que acompanha as mudanças que ocorrem nesse meio e se torna diversa assim como seus grupos e membros são diversos (BRANDÃO, 1996).

É dessa concepção que deriva a ideia de que todos somos “[...] capazes de ensinar alguma coisa a nossos semelhantes e até ser inevitável que cedo ou tarde, embora de nível mínimo, todos nós sejamos professores em alguma ocasião” (SAVATER, 2000, p. 46). Da mesma, brota a noção de que a educação vai se modificando ao tempo em que a sociedade se transforma, acompanhando a complexidade do âmbito social, fazendo com que, em determinado momento a instituição educacional apareça, quando em dado período da história humana, “[...] os conhecimentos vão se tornando mais abstratos e complexos” e é preciso se ensinar um saber científico (SAVATER, 2000, p. 46).

O autor desta unidade delimitada, segue explicando historicamente a questão da aprendizagem/ensino como condição humana, ou seja, a condição do homem atrelada a necessidade de aprender diversos conhecimentos, sendo estes saberes fundamentais para sua sobrevivência. O que corrobora com as finalidades da educação pontuadas por Brandão (1996): A primeira delas se associa a subsistência do próprio ser humano, ensinar se torna necessário para sobreviver e evoluir; a segunda surge com a necessidade de transformar o mundo ao seu redor, primeiro com o trabalho, depois com a cultura, fazendo com que fosse necessário se ensinar-aprender-e-ensinar em situações sociais, educar para transformar; com isso a educação trás consigo uma terceira finalidade, a de tornar o homem mais humano; e uma quarta, a manutenção e transmissão da forma particular de organizações físicas e naturais de uma geração a outra. Nessa perspectiva, o mesmo coloca que, qualquer um pode ensinar, ideia que acaba por enraivecer os especialistas docentes. Para corroborar com esta visão, se torna viável citar Trilla que afirmar a ideia de um ensino que ultrapassa os muros da escola, a partir do conceito de educação informal, onde, o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando está indissociavelmente mesclado a outras realidades sociais além da instituição escola (TRILLA, 2008).

Nesse contexto, percebe-se que a aprendizagem, ou o ensino, não estão presentes somente em ambiente escolar, qualquer sujeito pode ser um professor, inclusive, o autor relata alguns exemplos, como o ato de um filho ensinar a mãe a utilizar uma nova tecnologia. A partir das ideias abordadas, surge então alguns questionamentos: Qual seria a função da escola e do profissional docente?

Para responder esta interrogativa, abriremos um parêntese para evidenciar o pensamento de que, a escola tem a função de produção, transmissão e conservação de conhecimentos, sem esta instituição, cada geração teria que começar do zero (YOUNG, 2007). Por conseguinte, os profissionais docentes, tem a função de traduzir o código elaborado para a compreensão do aluno, é importante ressaltar que estes profissionais tem formação técnica, tem a habilidade de orientar e ensinar, com base científica, capacitando os alunos a adquirir conhecimentos mais especializados (YOUNG, 2007). Desse modo, nota-se que realmente o ensino pode ocorrer tanto dentro como fora da escola, no entanto, a escola capacita de forma técnica e nos ambientes externos o ensino é baseado em saberes do cotidiano, o senso comum.

Além do mais, Savater (2000) ressalta que, ambos os conhecimentos ou formas de ensino, dentro da escola ou fora, são maneiras indispensáveis para a formação do ser humano, relatando que, tampouco Oxford ou Salamanca têm efeitos mágicos diferentes daqueles da menina que ensina outra a pular corda. Por outro lado, mesmo que alguém seja capaz de ensinar outra pessoa, isso não significa dizer que qualquer pessoa seja capaz de ensinar qualquer coisa. Savater (2000, p. 47) frisa que “[...] o ensino nos revela por princípio a nossa filiação simbólica, aos outros semelhantes [...]”.

Com esta colocação, o autor reafirma que, a formação plena do sujeito está ligada também ao seu antepassado, ou seja, os conhecimentos não são inerentes ao ser humano. Para tanto, Savater (2000, p. 47) ressalta que, “toda educação humana é deliberada e coerciva, não mera mimese”. Saviani (2013, p. 14), é outro autor que compartilha deste pensamento, e afirma que “[...] a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”, local em que são pensados os conteúdos de ensino, onde o conhecimento científico é importante. É, justamente isso, que conduz o homem ao ser epistêmico, e o afasta do empírico (CHARLOT, 2009), haja vista que “[...] não se trata, pois, de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular” (SAVIANI, 2013, p. 14). Pensar a educação como ato deliberado e coercivo, com um fim a ser alcançado, nos leva a questionar o porquê deve-se ensinar matemática, física, geografia, artes, etc. Encaminha-nos a interrogar: Quais as contribuições que esses conteúdos têm para a formação humana? Nesse embate, Young (2007) define esses

conhecimentos como poderosos e afirma que, “o conhecimento poderoso nas sociedades modernas [...] é, cada vez mais, o conhecimento especializado” (p.4).

Savater (2000), continua a unidade, falando sobre o ideal educacional grego “Paidéia”, com a finalidade de mostrar as concepções dos fazeres pedagógico e destacar a dualidade da educação, ou seja, “a que separa a educação propriamente dita, por um lado, e a instrução por outro” (SAVATER, 2000, p.47). Porque, de antemão, são relações totalmente diferentes, pois, por mais que se tenha o preparo técnico e este não for estimulado, no sujeito, suas capacidades de reflexão, estarão formando-o apenas para a reprodução de conhecimento, ou seja, mero repetidor.

De acordo com o autor, a educação antes de mais nada constituiu-se como base fundamental e predominava onde a instrução se fazia presente. No entanto, em meados do século XVIII, a instrução começa a ser vista de forma diferenciada na medida em que o corpo humano torna-se hábil a ser trabalhado minuciosamente (SAVATER, 2000). O objetivo central doravante é o de “exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo” (FOUCAULT, 2004, p. 163), conforme o conhecimento instrutivo era transmitido, gerava-se uma “relação de docilidade-utilidade” ou melhor, uma relação disciplinar que se encarrega de multiplicar corpos dóceis. Savater (2000) afirma que deve-se desconsiderar essa discussão que põe educação e instrução uma contra a outra. Pode-se perceber que de acordo com os ideais e fundamentos que sustentam os sistemas educacionais vigentes pelo mundo, esse conflito tornou-se mutável e transformou-se no que se enquadra em entrelaçamento e harmonia, é pois, como defende Gallo (2000, p. 1), dois processos complementares, onde, “educação e instrução não se excluem, mas se complementam. Ou melhor, a educação abarca a própria instrução e a completa, formando o indivíduo intelectual e socialmente, duas realidades na verdade indissociáveis”.

Por seguida, Savater (2000) diferencia as capacidades abertas e fechadas, conceituando: as capacidades que denominamos de “abertas”, como algumas habilidades quase inevitáveis, como ler e escrever; e as capacidades conhecidas como “fechadas” como as habilidades que derivam das abertas, como exemplo, compor música, pois para aprender a compor a música é necessário primeiramente saber ler e escrever. Enfatizando a característica mais relevante das capacidades abertas, Savater (2000) pontua que elas nunca podem ser aperfeiçoadas perfeitamente, pois a cada

avanço surge um novo obstáculo e desafio, enquanto as habilidades fechadas quanto mais realizam exercícios repetitivos percebe-se a facilidade em resolver problemas que no início eram difíceis. Sobre isso, Nóvoa (2011, p.73), parafraseia Olivier Reboul e complementa que,

[...] Vale a pena ser ensinado tudo o que une e tudo o que liberta. Tudo o que une, isto é, tudo o que integra cada indivíduo num espaço de cultura e de sentidos. Tudo o que liberta, isto é, tudo o que promove a aquisição do conhecimento, o despertar do espírito científico [...] Tudo o que torna a vida mais digna (grifo do autor).

O pensador da unidade delimitada, explica que, sem dúvidas, a melhor habilidade, a mais necessária da humanidade, que resulta nas capacidades abertas e fechadas é a habilidade de aprender. Essa habilidade de extrema importância é constituída por perguntas e respostas, buscas pessoais, de crítica e questionamentos (SAVATER, 2000). Na relação educação e instrução, a capacidade aberta estaria direcionada a educação e a capacidade fechada direcionada a instrução (SAVATER, 2000). Seguindo uma lógica totalmente utilitária, atualmente, segundo o autor, a segunda capacidade é vista como a mais necessária para garantir uma posição na sociedade, enquanto a primeira é vista como viés ideológico e que não serve para nada. O que o autor considera falso, uma vez que há uma flexibilidade no trabalho e a inovação das técnicas pede uma educação mais aberta até mais do que uma instrução especializada para obter um cargo no mundo da produção.

À luz de uma conclusão, Savater (2000) destaca que polivalência é algo necessário na hora da comunicação, assim como a formação de identidade e personalidade. Onde os conhecimentos hierárquicos ainda são parte das instituições, contidos principalmente no currículo oculto, onde, na visão do autor, o reconhecer-se como humano, dando aquilo que não tem para receber reconhecimento pessoal, ao confrontar-se um ideal ao adentrar o mundo simbólico importante ficando sempre em um meio avaliativo. Certamente que esse tipo de educação se dá no currículo oculto, onde de acordo com o pensamento de autores como Illich, se “ensina a criança que seu papel na vida é “[...] conhecer o seu lugar e ficar sentada quietinha nele” (apud GIDDENS, 2015, p. 413). Embora seja um pensador radical, ressalta que a escola tornou-se uma organização custodial, destarte, as funções escolares não estão suprimindo o papel apelido que lhe coubera.

Savater (2000), conclui que “[...] o reconhecimento do humano pelo humano não é a simples constatação de um fato, é a confrontação com um ideal”(p. 66). Desse modo, os embates ocorridos param de reforçar a autonomia nas crianças e jovens, e a educação extra-escolar subjugada torna-se assim um atrativo, culminando no fracasso escolar frequente na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, abordamos sobre a necessidade inevitável do ser humano de manter um canal comunicativo com o outro em favor do aprendizado, objetivando manter sua subsistência. Além disso, qualquer lugar pode ser palco de um processo de ensino/aprendizagem e qualquer indivíduo possui a capacidade de tornar-se docente em determinado momento, visto que se torna inviável a educação sem o suporte da instrução. Cabe ainda destacar que todo conhecimento inerente ou não à esfera escolar, sendo barroco ou moderno, são válidos para formação humana. Diante dos fatos expostos anteriormente, concluímos que os conhecimentos a serem ensinados devem estar voltados a despertar o olhar crítico dos sujeitos, visando a emancipação dos mesmos por meio da aquisição da habilidade do aprendizado que deve estar incorporada tanto no professor quanto no aprendiz.

Abordamos aqui a importância para o aprofundamento desta temática, haja vista que a educação se adequa às transformações advindas com o tempo, bem como os conhecimentos se aperfeiçoam. Neste caso, devemos então acompanhar essas mutações ao passo que necessitamos aprender esses novos conhecimentos e demandas para que assim possamos compreender o mundo que nos cerca, e viver nele de maneira consciente. Sendo assim, é importante a multiplicidade do ser, pois ela permite a facilidade de comunicação e proporciona a formação da identidade do sujeito. Tal formação é resultado da união entre educação e instrução, que se encarregam de enfraquecer os problemas escolares e sociais a fim de formar seres capazes de transformar a realidade visando o bem comum.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2. ed., p. 71-79.

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, n. 20, 1996, p. 1-50. Disponível em: <<<https://edisciplinas.usp.br/>>>. Acesso em 05 de Setembro de 2019.
- CHARLOT, Bernard. A escola e o trabalho dos alunos. Sísifo – **Revista de Ciências da Educação**, v. 10, p. 89-96, 2009
- DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: _____. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 136-161.
- FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. Vigiar e punir: nascimento da prisão, v. 31, 2004.
- FREIRE, P. Carta do direito e do dever de mudar o mundo. In: _____. **Vida e obra**./ Organizado por Ana Inês Souza; et. al., São Paulo: Expressão Popular, 2001, p.317-326.
- GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. O sentido da escola, v. 2, p. 17-41, 2000.
- GIDDENS, A. Teorias sobre a educação escolar e a desigualdade. In: _____. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 412-413.
- NÓVOA, A. Professores, porquê? a pessoa, a partilha e prudência. In: _____. **O regresso dos professores**. Pinhais, PR: Editora Melo, 2011, cap. 4, p. 63-77.
- SAVATER, F. Os conteúdos do ensino. In: _____. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, cap. 2., p. 45-66.
- _____. Fabricar humanidade. **Revista PRELAC** (Os sentidos da Educação). Santiago, Chile. n. 2. Fev., 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/>>. Acesso em: 07 Out. 2019.
- SAVIANI, D. Sobre a Natureza e Especificidade da Educação. In: _____. **Pedagogia Histórico - Crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador. v. 7. n. 1. p. 286-293, jun. 2015.
- SEVERINO, A. J. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**, 20. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.
- TRILLA, J. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.
- YOUNG, M. Para que servem as escolas?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, Dez. 2007. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/>>>. Acesso em 30 Set. 2019.